

57.985 *Economia - Brasil*

Ainda a competitividade

» ROBSON BRAGA DE ANDRADE

Empresário e presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI)

Recente relatório do conceituado International Institute for Management Development (IMD) explicitou a crua realidade que os empresários enfrentam no cotidiano de seus negócios: o Brasil vem perdendo competitividade. Num ranking de 59 regiões, que tem à frente Hong Kong, Estados Unidos, Suíça e Cingapura, a economia brasileira caiu do 44º lugar para o 46º neste ano. O movimento, porém, não é novo. Desde 2010, quando ocupávamos a 38ª colocação, caímos oito posições. Ou seja, o que já não era bom, infelizmente, piorou. Por isso, a cada dia que passa, aumenta a urgência com que devemos atacar nossas deficiências. É preciso reverter o quadro.

Embora a economia brasileira tenha pontos fortes, muitos dos quais ligados aos esforços da iniciativa privada, ela ainda padece de sérios problemas estruturais. Nossa desempenho foi desastroso em nove dos 20 grandes itens investigados pelo IMD, nos quais ocupamos da 50ª posição para baixo. Entre eles, estão: marcos regulatórios, legislação para negócios, infraestrutura, educação, produtividade e eficiência. Principalmente por causa da queda no ritmo de crescimento, a performance econômica caiu do 30º lugar na lista para o 47º — o item economia doméstica despencou da 10ª colocação para a 25ª, o que pode ser em parte atribuído aos efeitos da crise internacional.

O IMD, em colaboração com a Fundação Dom Cabral, apontou outras fraquezas, que atrapalham a competitividade brasileira: tributação das empresas, câmbio sobrevalorizado, juros bancários altos, burocracia, complexa legislação trabalhista e ambiental, dificuldades nas exportações, custo de vida e baixa qualificação. Em todos esses itens, o Brasil está muito mal colocado. Apesar dos avanços nos últimos anos em todos os níveis de governo, os maiores problemas ainda estão relacionados à eficiência do setor público, que ocupa a 55ª posição.

A radiografia feita pelo instituto suíço e a fundação brasileira é abrangente e precisa. Ela dá uma ideia das adversidades que os empresários encaram para tocar seus negócios, criar empregos, gerar riqueza e contribuir para o pleno desenvolvimento econômico e social do Brasil. O país tem indústrias fortes, que conseguem crescer, mesmo num ambiente repleto de obstáculos, graças à tenacidade dos homens e mulheres que as administram e nelas trabalham. O brasileiro é extremamente empreendedor e criativo. Em igualdade de condições, já mostrou diversas vezes que é um competidor poderoso, com total capacidade de vencer tanto no mercado externo como no interno.

Os especialistas do IMD e da Fundação Dom Cabral apontaram alguns desafios que devem ser encarados para a construção desse cenário positivo. Primeiramente,

é preciso promover o crescimento por meio de iniciativas como o corte de impostos, investimentos em infraestrutura e a redução de juros. Em grande medida, isso já vem sendo feito, mas ainda há bastante espaço para ação nesses três campos. O estudo também sugeriu o fortalecimento da produtividade, principalmente pela aplicação de recursos em pesquisa e desenvolvimento, e empenho na adoção de reformas estruturais e institucionais. Por último, recomendou que o país defina a educação e o aperfeiçoamento do capital humano como prioridade nacional.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) tem ressaltado a necessidade de que setor público, empresas, trabalhadores e sociedade civil se unam num grande movimento em favor do aumento da competitividade brasileira. Num outro artigo neste mesmo espaço ("Bases para uma agenda pró-competitividade"), apontei ações de curto, médio e longo prazos nessa direção. Além de itens pontuais, como a desoneração da folha de salários e dos investimentos, a redução dos encargos so-

sobre energia e a total recuperação de créditos tributários, a lista inclui tarefas mais amplas — racionalização dos gastos públicos e novas concessões na área de infraestrutura, por exemplo.

Ao mesmo tempo em que se corrigem essas distorções, não se deve descuidar das vitórias já alcançadas. O relatório ressaltou vários pontos fortes da economia brasileira, em especial a eficiência dos negócios, o mercado de trabalho, práticas gerenciais, atitudes e valores das empresas. Nossa economia é resistente, flexível e adaptável e atrai investimentos estrangeiros produtivos. Tem boa regulação bancária, grandes reservas internacionais, baixo risco financeiro e desemprego, além de se beneficiar da estabilidade política. Devemos encarar essas vantagens como um estímulo para remover definitivamente os entraves que persistem.



GOMEZ